

A METÁFORA DO FUTEBOL NAS PRÁTICAS DE ENSINAR GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE FOOTBALL METAPHOR IN THE PRACTICES OF TEACHING GEOGRAPHY IN THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

Antonio Jarbas Barros de Moraes

jarbasgeografia@gmail.com

Doutorado em Geografia

Universidade Federal do Ceará UFC

Marcelino Frota dos Santos

marcelinofrota@hotmail.com

Especialista em Ensino de Geografia

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Resumo: Este artigo é resultado de um trabalho de pesquisa desenvolvido nas aulas de geografia da Escola de Ensino Básico Miguel de Barros e Silva, situada no município de Amontada-CE. O objetivo foi produzir uma metodologia geográfica escolar com base nas táticas futebolísticas relacionadas com Google Earth. O conteúdo da abordagem foi a cartografia associada às vivências dos alunos, e também a leitura das imagens de satélite e a produção de um mapa mental do lugar dos alunos. Entende-se, assim, que a adoção de mecanismos desafiadores e criativos, respeitando cada etapa e as diferenças presentes num ambiente escolar, contribuíram no processo alfabetização cartográfica do ensino-aprendizagem em geografia.

Palavras-Chave: Google Earth. Imagens de satélite. Ensino-aprendizagem. Alfabetização cartográfica.

Abstract: This article is the result of a research work carried out in geography classes at the Miguel de Barros e Silva School of Basic Education, located in the municipality of Amontada-CE. The objective was to produce a school geographic methodology based on soccer tactics related to Google Earth. The content of the approach was cartography associated with the student's experience, as well as the reading of satellite images and the production of a mental map of the students' place. It is understood, therefore, that the adoption of challenging and creative mechanisms, respecting each stage and the differences present in a school environment, contributed to the cartographic literacy process of teaching-learning in geography.

Keywords: Google Earth. Satellite images. Teaching-learning. Cartographic literacy.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um trabalho de pesquisa desenvolvido nas aulas de geografia da Escola de Ensino Básico Miguel de Barros e Silva, situada no município de Amontada-CE. O objetivo foi produzir uma metodologia geográfica escolar com base nas táticas futebolísticas relacionadas com o Google Earth. O conteúdo da abordagem foi a cartografia associada às vivências dos alunos, e também a leitura das imagens de satélite e a produção de um mapa mental do lugar dos alunos.

Nos dias de hoje, ensinar está sendo cada vez mais uma tarefa desafiadora, o profissional acaba dividindo espaço nesse processo com outros meios que, de forma indireta, dão suporte à aprendizagem do alunado. Isso em alguns casos interfere diretamente na vida escolar do aluno, pois o ato de ir para a sala de aula não faz sentido se não for contextualizado com a realidade conhecida por eles.

Na reflexão deste trabalho, que é resultado da experiência docente e vem sendo desenvolvido no contexto escolar desde agosto de 2017, indo ao encontro justamente da adoção de meios capazes de despertar a curiosidade e a vontade de aprender geografia por parte dos estudantes, meios estes chamados “inovadores” associados ao “velho”. A segunda alternativa não é desprezada, é o caso do livro didático.

Levando em consideração a dificuldade dos alunos em aprender cartografia, componente curricular do 6º ano, surgiu a ideia de buscar mecanismos para tentar ajudar nessa tarefa. A ideia foi associar o uso do conteúdo didático curricular à metáfora do futebol e às ferramentas digitais, neste caso, o Google Earth.

Munido do livro, da ferramenta disponível na internet e de elementos do futebol, desenvolvemos uma reflexão que considera o planejamento estratégico futebolístico como didática adequada à nossa prática escolar. O referido processo pode auxiliar o professor na condução do aprendizado geográfico, afinal, como uma partida de futebol, que prepara os jogadores para lidar com diferentes times e condições geográficas, as aulas de geografia também são pensadas no intuito de sucesso, mas que nem sempre são sinônimos de êxito.

As atividades da pesquisa que envolveram os alunos foram a manipulação do Google Earth (Figura 1), a produção de um mapa mental, abrangendo desde a casa de cada um até a escola, atividade de estudo de mapas, como o estudo dos conceitos básicos de mapeamentos e quais os significados dos elementos que se usam geralmente no ato de cartografar.

Figura 1 – Interface do Google Earth



Fonte: Google Earth (2021).

Por último, foi possível ver o quanto é enriquecedor no processo de ensino-aprendizagem produzir metodologias diversas. Neste caso, a dinâmica futebolística foi o desafio criativo do processo de ensino-aprendizagem em geografia.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida desde 2017, na Escola de Ensino Básico Miguel de Barros e Silva, situada no município de Amontada-CE. Trata-se de uma Escola com quatro turmas: 6º, 7º, 8º e 9º ano, turmas estas bem reduzidas, com no máximo 20 alunos, porém

repletas de desafios.

Percebeu-se, logo no início da experiência, que o ensino de geografia requer uma formação continuada do professor, cobrando regularmente certa renovação da práxis, em via dupla, recursos tradicionais. O livro didático é um exemplo que não esgota as possibilidades, e outros recursos, alguns entendidos como inovadores, como o caso do Google Earth, que podem auxiliar as ações escolares.

A dedicação é uma parceira das práticas desenvolvidas no ambiente escolar. Por isso, reforçamos nossas intenções de trabalhar com táticas do futebol de forma criativa na sala de aula. É um caminho que pode ensinar o professor a relacionar estratégias futebolísticas ao campo geográfico de ensino.

Nas aulas de geografia, recursos como quadro, mapa e livro didático, continuam sendo importantes para professores e alunos explorarem textos, imagens e representações que desenvolvam habilidades basilares à aprendizagem geográfica (CALLAI, 1999). No entanto, esses recursos não garantem, efetivamente, o sucesso do processo ensino-aprendizagem, necessitando de contribuições continuadas à prática docente.

Aqui trabalhamos com estratégias futebolísticas adaptadas à realidade didática escolar. Esse foi o desafio metodológico proposto neste artigo, como pensam Silva e Oliveira (2021). Usou-se o futebol porque tem vínculo com a docência pelas estratégias didáticas de conduzir o grupo em prol do objetivo pretendido, no caso do futebol, a vitória, e no caso da escola, o possível sucesso da aula. O futebol pode ser um grande aliado no processo de ensino-aprendizagem dado o seu contexto global, conjunto de táticas e o envolvimento multiescalar do público, ou então, como nos lembra Cosgrove (1988), “a geografia está em toda parte”, neste caso, está no futebol.

Quanto à ideia adotada, trabalhar atividades em sala como se estivesse desenvolvendo treinamentos e jogos de futebol foi, de certa forma, simples e rica. O futebol é um mecanismo fácil de entender, pelo menos para aqueles que apreciam este tipo de modalidade esportiva. Pensando nisso, as atividades desenvolvidas em sala, desde o seu planejamento, foram pensadas e alinhadas com o mundo do futebol.

Sabendo da possível facilidade de se entender o futebol, desde o seu planejamento mínimo até partidas

em campeonatos importantes, abrangendo um público enorme de apreciadores, pensamos em atividades diárias. Nas aulas de geografia, com um espírito de futebolistas nas ações desenvolvidas, ações essas que envolvem os atores do processo ensino-aprendizagem da escola.

Nas atividades executadas, destacou-se a atividade realizada em grupo. Assim como uma equipe de futebol, os alunos tiveram que jogar juntos. Na atividade, cada grupo, formado por 3 ou 4 membros, recebeu um mapa. Foi pedido a cada um a retirada dos elementos principais formadores de um mapa: título, legenda, escala, fonte, entre outros. Assim como numa equipe de futebol, o professor tomou o ofício de um treinador, e alunos, naquela “altura”, a função de jogadores, e, sob orientação, foram realizando tarefas detalhadas (RODRIGUES; ARAGÃO, 2020).

As estratégias, aquelas usadas no mundo dos “boleiros”, foram adaptadas ao processo de aprendizagem de geografia. Assim como um clube de futebol, a escola apresenta vários objetivos e desafios aos profissionais e alunos. Diante disso, as metodologias usadas visam alcançar o maior número possível de professores adeptos.

Pretende-se também contribuir com as discussões a respeito da geografia escolar, repensando a maneira de fazer práticas que possam despertar para o conhecimento geográfico (VESENTINI, 2009; BATISTA, 2018). O conteúdo das vivências dos alunos não pode ser negado na sala de aula, por isso, a experiência na escola com os alunos é indispensável. E, sem querer encerrar o misto de possibilidades existente na escola, desenvolveu-se uma prática aliando futebol e geografia escolar.

(IN)EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

A sala de aula é um ambiente diverso e controverso quando o assunto é ensinar/aprender. O debate é gerado em torno da geografia como componente curricular, nas experiências cotidianas dos alunos dentro e fora da sala de aula (CERTEAU, 1996).

Outra questão que não podemos esquecer é o dilema da desvalorização do componente curricular geografia. É o centro das discussões do professor da educação básica e é intensificado no ambiente acadêmico. O academicismo apresenta para o professor sugestões bastante superficiais, dizemos isso porque é na escola que o professor aprende a ensinar.

Quando se toma a frente de uma sala como professor, são rememoradas as lembranças da época das primeiras experiências nos estágios, que são de grande importância na formação de um profissional da educação. No estágio empreendemos uma postura de criticidade ferrenha àqueles que estão na escola há mais tempo, arriscamos dizer que nos portamos como verdadeiros heróis.

A ironia serviu para revisarmos a nossa postura romântica a respeito do ato geográfico de educar. Na realidade escolar é preciso ambicionar práticas capazes de romper com rotinas cristalizadas da educação, reconhecendo inúmeras limitações institucionais. Se trata de estratégias metodológicas ressignificadoras da docência e do papel educativo da geografia.

O objetivo pretendido foi na direção da diversidade metodológico-geográfica, que além de questionar a (in) experiência do professor e/ou estagiário é contrária ao comodismo. Por isso, entendemos que a reflexão, apesar de específica, pode ser adequada a outras realidades, e assim avançamos na direção de uma escola que produz conhecimento científico, não somente reproduz lógicas alhures.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO E GEOGRAFIA ESCOLAR

O estágio é o primeiro ensaio prático da sala de aula. A complexidade que é estar numa sala de aula e o arcabouço na prática de ensinar geografia não é conhecida nos estágios. Nos primeiros encontros em sala, várias sensações são criadas e sentidas, podendo despertar maior desejo ou simplesmente afastar de vez da prática docente.

Outro ponto de grande relevância são as experiências dos estágios, exigidas pelo curso de formação. São etapas de grande importância para a formação do futuro professor.

As práticas dos estágios são importantíssimas por se tratarem das primeiras experiências com o ambiente escolar. É no estágio que sentimos o quanto é difícil o pleno comando da situação escolar. As barreiras vêm à tona, avisando dos limites e desafios na função de lecionar. O estranhamento inicial é comum, mas não podemos dizer que é normal, afinal, seria interessante diminuir a distância entre universidade e escola, e com isso preparar o professor antes de ingresso na escola.

A partir de 2011 iniciamos os estágios (I, II e III),

todos realizados nas escolas públicas da cidade de Sobral, no Ceará. O Estágio I (2011) foi realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil Mocinha Rodrigues, nos anos Iniciais (1º ao 5º), localizada na rua Evangelista Saboia, Bairro Terrenos Novos. O Estágio II (2012) foi praticado na Escola Professor Gerardo Rodrigues de Albuquerque, situada na Avenida John Sanford, Bairro do Junco, escola esta que atende desde os anos iniciais (1º ao 5º) aos anos finais (6º ao 9º) do Ensino Fundamental. Em 2013 foi realizado o último estágio, III, e a instituição escolhida foi uma escola estadual, a E. E. F. M. Ministro Jarbas Passarinho, localizada na Avenida John Sanford, bairro do Junco, na cidade de Sobral.

No Estágio I foi sugerido pelo professor regente da disciplina uma observação em sala e um estudo do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Ele se resumiu a estas tarefas. No Estágio II a proposta de um projeto de intervenção pedagógica foi elaborada, posta em prática e validada. No estágio III fizemos individualmente a regência.

Nos estágios, correspondida ou não sua finalidade como disciplina programada, o mais importante, assim como as expectativas esperadas, são as experiências (não) esperadas, mostrando na prática o processo de ensino-aprendizagem do professor de geografia.

A experiência vivida nos estágios, junto com o conhecimento adquirido na formação acadêmica e pessoal, ajuda, de certo modo, na prática docente. Sugerimos a formação continuada para o adensamento do repertório prático do professor. Também compreendemos que o estágio contribui, porém não finaliza a práxis docente, pelo contrário, inicia um processo formativo do professor, como defende Callai (1991). Foi com essa premissa que percebemos a potencialidade geográfico-educativa do futebol relacionado com o Google Earth.

A METÁFORA DO FUTEBOL NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Ensinar geografia é como treinar um time para jogar uma partida de futebol, no entanto, sem jogador. O professor se torna treinador e jogador ao mesmo tempo. Tem-se a árdua tarefa de preparar as aulas, visando os alunos e a turma que irá “enfrentar”. É uma espécie de treinamento. No caso do professor, o planejamento foi desenvolvido para ensinar geografia. Os alunos metaforicamente foram a torcida, alguns motivados,

outros nem tanto, uns participaram pela sua própria vontade e outros para cumprir o apelo da aula.

Cabe ao professor/treinador/jogador buscar satisfazer aquela torcida, que por sua vez não viu o processo de preparação daquela partida, mas viu o seu resultado. Semelhante a uma partida, é possível ter mudanças com inserção de outros jogadores/alunos, visando melhores resultados.

Na comparação com o mundo da bola, a sala de aula requer dedicação, esforço, inovações. O profissional vai de encontro aos desafios diários da sala de aula, um “estádio” lotado de expectativas ou mera formalidade. Nesse contexto, cabe ao professor/treinador/jogador buscar com suas estratégias tornar a partida agradável. É importante ressaltar que, assim como no futebol, o processo ensino-aprendizagem exige dos professores resultados. Quando falamos de resultados não restringimos ao quantitativo, o qualitativo muito interessa na educação crítica e reflexiva dos alunos.

No primeiro momento foi percebido um “time” cheio de problemas, mas com o persistente treinador/professor/jogador se iniciou as atividades. Os alunos, em desacordo com a faixa etária desejada naquele momento escolar, não compreendiam o mínimo em leitura, interpretação de situações diversas que requerem o básico de abstração, exigindo atenções para evitar prejuízos generalizados.

Por conseguinte, foi preparado um questionário, com as perguntas a seguir: “O que é geografia?”, “O que se estuda em geografia?”, “A cartografia pode ser na geografia?”. Além disso, foi perguntado se eles tinham ouvido ou até estudado cartografia na geografia. A resposta unânime atestou que já tinham estudado aquele conteúdo, mas detalhar sua função, seu significado não foi possível.

À vista de tal problemática, um professor eficaz não pode ficar indiferente. As perguntas forneceram respostas inquietantes, é um despertar para uma infinidade de possibilidades interpretativas fundamentadas na experiência docente e no saber dos alunos. Após o questionário, montamos um plano de aula para mostrá-los a disciplina de geografia. Com isso, identificamos que o time (turma) assumido estava numa fase ruim, sem dinheiro, instalações precárias, uma torcida (alunos) sem muitas expectativas.

Ao nosso ver, a tecnologia é quase inevitável na vida dos alunos e não é diferente no futebol e no

processo de ensino-aprendizagem de geografia. É sabido que as novas tecnologias precisam ser usadas a favor do ensino. No entanto, há diferenças gritantes na sociedade, onde uma minoria usufrui das diversas ferramentas tecnológicas modernas, enquanto uma maioria não tem acesso básico aos meios digitais. Nas escolas públicas esse abismo é gigantesco.

Refletiremos profundamente sobre as diferenças que existem no ambiente escolar. Por isso, sabendo das limitações, mais especificamente daquela instituição, a Escola de Ensino Básico Miguel de Barros e Silva, foi assumido o desafio de formar um grupo para estudar a geografia escolar, especificamente a cartografia, uma parte essencial da educação de um ser humano.

A realidade da escola possui adversidades, muitas das vezes problemas corriqueiros. Mas como bons treinadores, que gostam de desafios e de honrar com os compromissos assumidos, conseguimos nos inserir naquele “mundo” de contrastes.

O professor/treinador/jogador tem de adequar as táticas de ensino de acordo com a realidade local. Na realidade pesquisada algumas das dificuldades encontradas são: alguns alunos não tinham visto antes um notebook de perto. A presença do equipamento em sala gerou curiosidade e euforia. Diante do comportamento dos alunos, conversamos sobre algumas finalidades do computador, relacionando com a alfabetização cartográfica e a sofisticação moderna dos mapas.

Aqui, ressaltamos a abordagem cartográfica do livro didático da coleção adotada pelo município (Expedições Geográficas, editora moderna. Ver a Figura 2). A temática em evidência está na “unidade 2: conhecimentos básicos de cartografia”. Outras ferramentas didáticas que nos auxiliaram foram: mapas, globo terrestre e, para culminar a prática, a ferramenta disponível, o Google Earth.

Figura 2 – Capa do livro didático utilizado pela escola.



Fonte: Adas, 2018.

O livro deu suporte ao processo de alfabetização cartográfica. A aula inicial foi sobre os conceitos básicos da cartografia (Figura 3). Em seguida, solicitamos aos alunos que produzissem um mapa mental, partindo de suas respectivas casas até o colégio. A maioria conseguiu produzir a lápis uma representação espacial ou croqui do seu percurso diário.

Figura 3 – Sala de aula, apresentação da ferramenta Google Earth.



Fonte: Santos, 2019.

A etapa seguinte foi reforçar os conhecimentos básicos da cartografia (Figura 4) e apresentar a ferramenta disponível na internet, o Google Earth, software opera com imagens de satélites. Apresentamos a interface da ferramenta e sua funcionalidade, isso exigiu um aprofundamento na questão do uso de imagens de satélites e suas funções na sociedade. Lembramos que imagens do Google Earth nos oferecem a possibilidade de mapear as realidades em quase todo o globo terrestre, inclusive a casa dos alunos.

Figura 4: Sala de aula, apresentação do conteúdo, aula: conhecimentos básicos de Cartografia.



Fonte: Santos, 2019.

Ao analisar o material produzido pelos alunos, identificamos que grande parte deles mora no entorno da escola.

Na fase do mapeamento cartográfico e cognitivo ou mental, eles desenharam diferentes mapas com palavras e marcações espaciais que atestavam a sua percepção sobre a temática estudada, localizações e a geografia vivida individualmente nas suas moradias (Figuras 5 e 6).

Figuras 5 e 6 – Alunos produzindo mapas de Amontada-CE em sala de aula.



Fonte: Santos, 2019.

Após a prática de desenho, na qual eles reproduziram o mapa do município de Amontada (Figuras 7 e 8) em folha A4, a atividade prosseguiu com o uso do globo terrestre. Pedimos que alguns alunos segurassem um objeto: borracha, apontador, cola, dentre outros. Chamamos alguns deles para simularem a orbita do satélite em volta do globo. Assim, debatemos como é realizada a tarefa dos satélites de monitoramento e captação de imagens. Estas últimas são usadas para uma infinidade de práticas de mapeamento interativo ou como base para o Sistema de Posicionamento Global (GPS).

Figuras 7 e 8: Alunos desenhando mapas do município de Amontada-CE.



Fonte: Santos, 2019.

Aos alunos, já familiarizados com alguns aspectos importantes no processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito à cartografia, foi dado o próximo desafio, a utilização de mapas com escalas diferentes: local (Amontada) – mostramos o município no Google Earth; estadual (Ceará); nacional (Brasil) e, por último, o mapa mundi, estes últimos no acervo da escola.

A construção de croquis, dos mapas mentais, associada à manipulação do Google Earth com multiescalaridade (local, estadual, regional, nacional e global) visou entender as espacialidades do globo terrestre.

Foi fácil perceber o quanto a metodologia diversificada despertou interesse nos alunos em saber mais sobre o assunto. A manipulação das ferramentas é uma questão muito importante, aberta a reflexão sobre a acessibilidade da tecnologia, que apesar de nos últimos ter evoluído, ainda é incipiente na escola.

As atividades desenvolvidas com o uso de metodologias, seja com recursos disponíveis na escola ou fora dela, devem considerar o cotidiano da sala de aula, atestando a responsabilidade do professor de procurar alternativas didáticas para levar para a escola um aprendizado sobre o mundo tecnológico, que ainda não é uma realidade genérica. Há, pois, conceitos geográficos indispensáveis na educação dos alunos, conceitos que dão sentido à geografia da vida, em outras palavras, conhecimentos cartográficos, que são usados com frequência. Por isso, a alfabetização cartográfica garantiu um aprendizado que merece a continuidade com outras práticas que viabilizem o adensamento do saber empreendido nesta pesquisa. Entendemos que tanto o professor da escola pode reformular incessantemente sua práxis, como também pode ser usada como ponto de partida para outras realidades brasileiras e do mundo.

CONCLUSÕES

A experiência vivenciada usando a metodologia associativa de cartografia, futebol e Google Earth evidenciou a importância da adoção de estratégias criativas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem de geografia.

O uso da ferramenta Google Earth, neste caso relacionada com alfabetização cartográfica, adaptando a realidade de cada escola ou turma e conteúdo abordado, se torna uma importante parceira no processo educacional.

Constatou-se que o uso de metodologia com recursos diversificados, da metáfora do futebol ao aprendizado cartográfico, contribuiu para a construção de conhecimentos geográficos e valores atitudinais no contexto escolar, autonomias para ler mapas até mesmo em temáticas fora da cartografia. Em suma, uma prática que se desvencilhou do comodismo e das rotinas. Com isso, acreditamos na possibilidade de aprimorar as aulas de geografia com criatividade e a criticidade acerca das condições infraestruturais da escola.

[S. l.], v. 5, n. 1, p. 66-88, 2021. DOI: 10.22481/rg.v5i1.7984. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/geo/article/view/7984>. Acesso em: 9 abr. 2021.

VESENTINI, J. W. Repensando a geografia escolar para o século XXI. São Paulo: Plêiade, 2009.

REFERÊNCIAS

ADAS, M. Expedições geográficas: manual do professor/ Melhem Adas, Sergio Adas. – 3.ed.- São Paulo: Moderna, 2018.

BATISTA, B. N. Pensar o ensino de Geografia como algo feito por comentaristas de textos sagrados. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 68, p. 235-252, mar./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/jnYgDSjVpfmWPQVHq8Rmppy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 de junho de 2020.

CALLAI, H. A dimensão pedagógica na formação do Geógrafo. In: CALLAI, H. A formação do profissional da geografia. Ed. UNIJUI, RS, p. 15-29, 1991.

CALLAI, H. C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 2. ed., Porto Alegre: Ed. da UFRGS / Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1999.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*, EdUERJ, Rio de Janeiro, p. 92-123, 1988.

RODRIGUES, J. M. C.; ARAGÃO, W. A. *Educação e interdisciplinaridade*. 1ª edição, João Pessoa: Editora CCTA, 2020.

SILVA, S. H. G.; OLIVEIRA, C. D. M. Estágio de ensino em ensino a distância de emergência: geografia compactada e fluente em tempos de pandemia. *Geopauta*,